

BJIR

Brazilian Journal of International Relations

Edição Quadrimestral | volume 2 | edição nº 2 | 2013

*From global to grassroots: The
European Union, transnational
advocacy, and combating violence
against women*

Katiuscia Espósito



A Brazilian Journal of International Relations (BJIR) está indexada no International Political Science Abstracts (IPSA),
EBSCO Publishing e Latindex

From global to grassroots: The European Union, transnational advocacy, and combating violence against women

*KatiusciaEspósito*¹

Resenha da obra: *From global to grassroots: The European Union, transnational advocacy, and combating violence against women* (2013, ainda não publicado no Brasil ou em português), de Celeste Montoya, é um dos livros da coletânea *Oxford Studies in Gender and International Relations*², organizada por J. Ann Tickner e Laura Sjoberg, duas das principais autoras da corrente Feminista das Relações Internacionais.

A “primeira geração” de feministas que se propuseram a pensar as Relações Internacionais o fizeram questionando o “mundo dado” pela perspectiva masculinizante. J. Ann Tickner (1988) criticou os seis princípios de Hans Morgenthau (1948) – o “pai” do realismo político –, denunciando a construção social masculinizada de seu “homem político” (dentre outras questões), e Cynthia Enloe, ao se engajar no movimento feminista no final da década de 1960, deu o primeiro passo na área a partir de perspectivas periféricas, ao versar, por exemplo, sobre a desvalorização do trabalho feminino em fábricas globalizadas.

A coletânea de Tickner e Sjoberg foi organizada no contexto da “segunda geração” de pesquisadoras que buscaram lastros empíricos para ilustrar alguns pressupostos – atualmente mais consolidados – detectados pelas feministas de primeira geração em RI. Celeste Montoya aborda o que talvez seja um dos temas mais turbulentos que atingem direta ou indiretamente toda a sociedade: a violência contra a mulher, principal responsável pela morte de mulheres entre 19 e 44 anos. Embora ocorra com mais frequência em áreas caracterizadas pela “falta de escolaridade, desemprego e pobreza” (TRUE, 2012, p. 11, tradução livre), a violência contra a mulher é um fenômeno universal.

Por esse motivo, não surpreende o fato de Montoya ter optado por analisar as políticas de combate à violência contra a mulher na União Europeia (UE), bloco econômico e político que comporta tanto países com altos índices de violência, como a Lituânia (onde 63% das

¹ Doutoranda em Ciência Política pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e mestre em Relações Internacionais pelo programa San Tiago Dantas. Possui especialização em gestão estratégica de negócios e controladoria pela Puc-SP e bacharelado em Relações Internacionais pelo Centro Universitário Fundação Santo André. Email: kgalhera@yahoo.com.br

² Os outros livros dessa série são: “Enlisting Masculinity: The Construction of Gender in U.S. Military Recruiting Advertising During the All-Volunteer Force”, de Melissa Brown; “The Political Economy of Violence Against Women”, de Jacqui True; “Intelligent Compassion: The Women’s International League for Peace and Freedom and Feminist Peace” de Catia Cecila Confortini; e “Gender, Sex and the Postnational Defense: Militarism and Peacekeeping”, de Annica Kronsell.

mulheres já reportaram violência física e/ou sexual na juventude), quanto países com índices menores, mas não menos preocupantes, como a Bélgica (onde 9% das mulheres serão vítimas de agressão sexual até os 18 anos, e uma em cada 7 mulheres sofrem algum tipo de violência anualmente).

Embora exista uma quantidade razoável de publicações que relacionam gênero e Relações Internacionais, as pesquisas que buscam tratar da violência contra a mulher sob uma ótica internacional são mais recentes. O trabalho de Montoya, especificamente, embora esteja inserido em um rol de pesquisas em RI, não dialoga rigidamente com os autores do *malestream* da área, o que demonstra certa independência, autonomia e maturidade dessa corrente de estudo: diferentemente do embate Tickner *versus* Morgenthau, que buscava chamar a atenção da comunidade de Relações Internacionais para a importância de se adotar uma nova perspectiva geral, a corrente atual parece ser constituída de acadêmicas que procuram destacar temas voltados a questões de gênero – como a violência contra a mulher – com o objetivo de propor políticas específicas para o combate a esses problemas.

Percebe-se que a principal preocupação de Montoya é analisar a relação entre os esforços nacionais para o combate à violência contra a mulher e as organizações e atores não nacionais atuando dentro do bloco, e é essa relação que guiará as análises da autora ao longo do livro. Na introdução, *Transnational Translations of Global Rhetoric into Local Realities*, Montoya menciona que, na União Europeia, um dos pré-requisitos para a entrada dos países no bloco é o atendimento de alguns *standards* relacionados, dentre outros temas, a questões de gênero.

O capítulo um, *Patterns and Strategies of Global-Domestic Interactions*, propõe um arcabouço teórico que busca entender como o ativismo transnacional pode atingir efetivamente as políticas nacionais e internalizar propostas. A autora conclui que, embora as ações *top-down* (de cima para baixo) sejam mais feministas, as reformas *domestically driven* (propostas internamente) são mais bem contextualizadas e possuem mais chances de implantação.

No capítulo dois, *Mapping Advocacy in European Union Multilevel Governance*, Montoya aponta que, embora o combate à violência contra a mulher não tenha sido um dos escopos do bloco, o tema se tornou importante em meio ao complexo de organizações e instituições de diversos níveis, mas a causa se tornou um tema “duro” no bloco apenas após o Tratado de Lisboa. A autora também mapeia as instituições europeias, bem como as

Organizações Não-Governamentais (ONGs) e organizações da sociedade civil envolvidas com essa questão.

Em *Embedded Networks and Transnational Advocacy*, capítulo três, Montoya informa que foi a partir da militância da “segunda onda” de feministas que buscaram chamar atenção para o tema que este começou a ganhar força, até a sua institucionalização através dos programas STOP e Daphne. Contudo, a campanha que combateu com mais força e vigor a violência contra a mulher foi a *Zero Tolerance*.

The Soft Approach to Zero Tolerance, o capítulo quatro, demonstra como, progressivamente, esse tema se tornou de fato uma agenda na região, após a “primeira geração” de discurso político, de 1980, e a “segunda geração”, de 1990, a que se seguiram a Conferência de Direitos Humanos das Nações Unidas de 1993, ocorrida em Viena, e a Conferência de 1995 de Beijing, além do Tratado de Lisboa acima mencionado.

No capítulo cinco, *Conditionality and Coercion*, a autora identifica os níveis de pressão e investigação (via relatórios) assimétricos sofridos pelos países, e tenta explicar esse tratamento desigual dentro do bloco. De acordo com a sua conclusão, o nível de atenção sobre um país anda de mãos dadas com seu desempenho político e econômico, embora ainda não exista um monitoramento sistemático do tema. Em relação à condicionalidade, ela critica o fato de que não há punição para os casos em que as regras estabelecidas não são cumpridas. Nesse sentido, a condicionalidade para a entrada de membros na UE “funciona mais efetivamente como uma cenoura do que como uma vara” (GRABBE apud MONTROYA, 2013, p. 147, tradução livre). Outra questão importante é que temas bastante relevantes, como o assédio e a agressão sexual, pouco aparecem nos relatórios de monitoramento na UE.

O capítulo seis, *Building Networks, Building Capacity*, concentra-se no Programa *Daphne*, em suas três versões, para demonstrar como a capacitação foi possível nos países do bloco através do fornecimento de recursos e da formação de redes de ativistas e instituições. Montoya conclui que, embora a postura conservadora de líderes do *Daphne* tenha sido um percalço para o avanço de temas importantes, o programa é “um dos esforços mais impressionantes no combate à violência contra a mulher na União Europeia” (MONTROYA, 2013, p. 202, tradução livre).

No último capítulo, *Domestic Development*, a autora parte para a análise comparativa entre os Estados que já participam do bloco e aqueles que são candidatos. Montoya constata que os níveis de denúncia de violência contra a mulher no bloco ainda são altos; além disso,

alguns países não melhoraram seus índices, e algumas formas de violência são vistas como menos sérias do que outras (o que indica certo grau de tolerância em relação à violência).

Finalmente, na conclusão, *Future Prospects for Eradicating Violence against Women*, a autora destaca a necessidade de leis mais rígidas, de pressões mais fortes sobre os Estados e da capacitação de pessoas em torno do tema da violência. Para Montoya, a legislação é importante, mas o que de fato traz benefícios concretos é a capacitação. Ademais, a autora conclui que a questão da violência contra a mulher continua a ser um tema de *soft law* na UE (e em diversas outras regiões).

O trabalho de Celeste Montoya é um esforço bastante claro de unir a corrente Feminista de RI ao seu lastro empírico. Recomendamos a leitura a todos os interessados em questões de gênero, feminismo e (teoria das) relações internacionais.

Referências Bibliográficas

MONTOYA, Celeste. **From Global to Grassroots: The European Union, Transnational Advocacy, and Combating Violence Against Women**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2013.

MORGENTHAU, H. **A política entre as nações: a luta pelo poder e pela paz**. Brasília: Ed. Unb/Ipri, 2003.

TICKNER, J. Ann. Hans Morgenthau's Principles of Political Realism: A Feminist Reformulation. **Millennium: Journal of International Studies**. 17, 3, 1988, pp. 429-440.

TRUE, Jacqui. **The Political Economy of Violence Against Women**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2012.

Recebido em: Julho 2013

Aprovado em: Agosto 2013